

História do Brasil é recontada pelo índio

RECIFE — Uma nova história do Brasil contada a partir dos índios, e não através da versão colonizadora, dos brancos europeus. Essa é a proposta principal do livro *Essa terra tinha dono*, que acaba de ser lançado pela Editora FTD e, mesmo antes de chegar às salas de aula, já começa a provocar polêmica em Recife entre historiadores, professores universitários e alunos do primeiro grau.

Na obra, o índio aparece como principal personagem da história do país, e é através dele que giram os 23 capítulos de suas 184 páginas. Ao contrário do que ocorre normalmente em livros didáticos comuns, em *Essa terra tinha dono* os índios têm muito espaço, não são relegados a segundo plano e não aparecem como indolentes, preguiçosos, nem traiçoeiros. Tenta-se mostrar que a participação do índio no processo formador brasileiro é muito maior do que apregoam os historiadores, que escrevem baseados na visão européia.

“No livro *História do Brasil*, que é adotado praticamente em todas as escolas, o professor Armando Souto Maior dedica o primeiro capítulo à história de Portugal”. A nossa intenção é justamente o contrário. Mostrar que a nossa história não deve ser contada a partir de Portugal”, afirma o professor Severino Vicente da Silva, um dos que participaram da confecção de *Essa terra tinha dono*. Mas foi contestado por Souto Maior, que tem cinco livros de história com uma visão tradicional:

“Criticar a versão européia não passa de um chavão, de um clichê. Quando se quer falar mal da historiografia nacional, sempre se faz referência a isso. O Brasil é hoje um país de brancos, pois seus índios ficaram no período neolítico, não chegaram à era dos metais. A história é feita por quem conhece a escrita, os brancos, enquanto a tradição dos índios era oral”, explicou Souto Maior, que caracteriza mais os seus livros por uma visão cronológica dos fatos.

Essa, no entanto, não é a visão de Henrique Eduardo Pereira de Sá, 12 anos, aluno do Instituto Helena Lubenska, do bairro do Derby. Ele leu o livro e achou que conta uma história muito diferente “e fascinante do Brasil”, mostrando que os índios, e não os portugueses, são os donos dessa terra. Já Maria Reneude de Sá, professora de Política Educacional da Faculdade de Filosofia de Recife, acha que o novo livro está certo: “Todos nós estamos muito cansados da história oficial, que é muito fantasiosa e esquece de mostrar que o Brasil não foi descoberto, mas invadido pelos portugueses.”

Essa terra tinha dono traz na capa



Índio, razão de ser da obra

os nomes de Benedito Prezia e Eduard Hoornaert — responsáveis pelo texto final —, mas foi escrito em um mutirão por pessoas ligadas ao Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e à Comissão de História da Igreja na América Latina (Cehila). Os seus nove primeiros capítulos são dedicados à história da humanidade — regredindo a milhões de anos — e vão até a abordagem da cultura ameríndia e as nações indígenas que habitavam o Brasil na época da “invasão”. “A palavra índio é colocada nos livros de história como um redutor ideológico, quando os índios formavam várias nações com culturas diferentes e organização social e política própria”, afirma o professor Severino Vicente da Silva.

Colonização — A partir daí, começam os capítulos restantes, com “uma história de massacres”, através de “visitantes e invasores” provenientes de uma “Europa conquistadora”. O livro lembra o que ocorreu em 1260, quando o Canadá foi visitado pelo vikings, que trocaram produtos nativos com os que lá viviam: “Esse contato durou muitos anos, mas não afetou a vida daqueles povos. Foi um contato de amizade, e não de conquista.”

A obra mostra ainda que aconteceu justamente o contrário com os países atingidos pelo mercantilismo europeu, como foi o caso do Brasil: “Infelizmente este tratamento respeitoso não foi mantido por outros povos do Sul da Europa — ingleses, franceses, espanhóis e portugueses — quando aqui chegaram alguns séculos depois.” E responde a uma pergunta feita pelos próprios autores: “Por que esses outros europeus tiveram um contato tão violento com nossos antepassados? Porque o importante não era o trabalho da terra, mas a venda de mercadorias.”